



O Jornalismo científico: da Teoria à Prática¹

Helder MOURÃO²

Universidade Federal do Amazonas. Parintins - AM

RESUMO

Como tendência forte, o jornalismo científico tem uma configuração diferente dos demais tipos de jornalismo especializado, a posição estratégica entre jornalismo e ciência. Assim, propor formas de fazer um jornalismo de C&T com características próprias e adequadas, além mostrar que jornalistas de formação acadêmica, que por ventura são cientistas também, cria uma teoria para se fazer jornalismo científico, define e superestima o jornalista de formação superior tão subestimado nos dias atuais com o fim da obrigatoriedade do diploma.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Educação; Jornalismo Científico; Prática; Teoria.

Qual a relação entre Ciência, tecnologia e jornalismo?

O jornalismo especializado tem se tornado um campo de bastante atenção para novos jornalistas, principalmente por ser um campo recente e por cada vez mais precisarem de especializações teóricas e práticas que se adequem ao modelo de jornalismo contemporâneo, cada vez menos funcionalista³ e cada vez mais social e amplo.

Fazer um jornalismo especializado é tratar de temas não tão comuns, ou cotidianos, que demandam um cuidado na apuração muito maior, pois tratam-se de assuntos de pouco conhecimento do público. O jornalista ao traduzir esse tipo de realidade tem de se fazer entendido de forma muito mais concisa sem fazer muito *nariz de cera*, ou cair em qualquer mau uso da linguagem jornalística.

O jornalismo científico aparece como tendência de grande importância dentro da sociedade. Após as duas grandes guerras, surge a guerra fria com o intuito da corrida tecnológica e científica, pois nesse novo momento os países com maior potencial científico e tecnológico se tornariam as potências mundiais. Assim, o conhecimento de ciência e tecnologia torna-se de fundamental importância dentro desse novo contexto histórico. Nesse meandro o jornalismo científico tem o papel de fazer-se presente na

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 2 a 6 de setembro de 2011.

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM, e-mail: helder_gotic@yahoo.com.br

³ A crítica sobre o funcionalista é dada por que esse paradigma diminui o jornalismo, GENRO FILHO. 1987)



sociedade, para que esta ao ter os conhecimentos sobre C&T possam colaborar junto aos seus países para essa corrida.

Não apenas difundir ou propagandear a C&T, o jornalismo científico tem o papel de desmembrar a informação e agir de forma crítica, não só informando, mas suscitando o interesse de forma educacional para que seu papel dentro da realidade social esteja presente e firme.

“... Jomar Morais, editor da Revista [SIC!] Abril e ex-editor da Superinteressante, explica que ao se fazer uma matéria científica existem quatro objetivos básicos: explicar o que é; de onde surge; e quais as consequências do assunto abordado. Por último deve-se explicar os reflexos do assunto no dia-a-dia do leitor...” (VERAS JÚNIOR, 2005.p. 33)

Trazer um conhecimento ao público é mais do que informa-lo, é fazer-se curioso e instigado sobre um tema de relevância. Mauro Wolf (1991) diz que a mídia de certa forma empresta ao público conhecimento sobre os quais ela acha que ele deve pensar e discutir. Dessa forma a informação jornalística vai além do jornal.

A C&T diz respeito às próprias melhorias de vida e adequações de uma sociedade. Cada investimento em ciência vem do bolso do contribuinte que precisa saber pra onde vão seus gastos e de que forma são usados. É dessa maneira que age o jornalista de ciência criando conhecimento e propondo algo além.

O jornalista científico, como qualquer jornalista, não pode se restringir ao fato. Reportar é mais amplo, e principalmente nessa tendência o escritor precisa abrir a mente de seu leitor. A notícia desse tipo de jornalismo tem de ser instigadora, tem que fazer seu interlocutor ficar curioso sobre o tema, pois apenas saber sobre C&T não é o bastante, esta precisa ser útil e ter um espaço que valha a pena na agenda do público.

Jornalismo científico e educação

O jornalista de formação enquanto estudante de ciência social aplicada entra em uma posição importante e muito privilegiada no âmbito intelectual. Não apenas ter os conhecimentos teóricos e práticos de lidar com a informação e repassa-la ao público, o jornalista é antes de tudo um cientista que passou pela universidade e dentro dela aprendeu e praticou os conhecimentos da ciência.

Esse profissional tem a possibilidade de conhecer e dominar as duas linguagens, o jornalista científico enquanto especialista na área, mais ainda, pois ao aprofundar-se na área continua trabalhando a ciência e o jornalismo, sempre pondo lado-a-lado os dois gêneros, assim a tradução de um meio técnico científico e o próprio diálogo com a fonte, tornam-se não tão distantes, mas uma prática familiar desse jornalista.



O fim do diploma aumentou muito a criação de cursos técnicos de jornalismo e a diminuição da própria carga teórica dos cursos de graduação em detrimento da carga técnica e isso traz um grande problema à cobertura da área.

A disciplina de jornalismo científico é muito recente nas universidades, poucas ainda a tem como disciplinas obrigatórias, o que acaba formando jornalistas despreparados para encarar a ciência, ou mesmo que desconheçam a cobertura de ciência como um tipo de jornalismo especializado.

Mais problemática que a situação acima é a dos técnicos que se formam sem ter a base científica, sem ao mesmo saber como ocorre uma produção científica, seus meios burocráticos e a própria linguagem científica, mais rebuscada, técnica e direcionada a um público muito mais específico.

O Brasil ainda passa por uma realidade neoliberal na educação, onde os cursos técnicos são criados com cada vez mais estrutura e as universidades perdem cada vez mais seu espaço e fomento. O imaginário dos jovens atuais é o de uma formação mais rápida que os faça chegar ao mercado de trabalho mais rápido, fazendo com que as universidades percam muito de seu público, que além de reduzido, muitos acadêmicos em vez de seguir a carreira profissional específica do jornalismo, enveredam por outras áreas ou mesmo pela ciência e a pesquisa.

“Os sistemas educacionais contemporâneos não enfrentam, sob a perspectiva neoliberal, uma crise de democratização, mas uma crise gerencial. Esta crise promove, em determinados contextos, certos mecanismos de ‘iniquidade’ escolar, tais como evasão, a repetência, o analfabetismo funcional etc.” (GENTILI, 2001, p.77).

Dessa forma, com visão ampla e na posição privilegiada de potencial cientista e jornalista, esse profissional tem em mãos os filtros necessários para uma cobertura científica, não pensando a ciência como algo distante, mas como algo inerente à sua própria formação, dessa forma o jornalista de formação superior é por excelência o potencial jornalista científico.

Sabendo que o jornalista de formação superior detém os conhecimentos da linguagem científica e jornalística, ele pode decodificar as diferenças entre ambos os discursos e aplica-los, inclusive de forma mesclada.

Mas, tratando-se então de uma linguagem para jornalismo científico é preciso destacar um modelo mais preciso de como traduzir essa realidade, assim algumas ideias vão elencadas e discutidas.



Uma notícia tem que ter atualidade e trazer um conteúdo que interesse ao público. Mas como trazer um interesse desconhecido? Primeiro fazendo-se curioso, pois a informação de C&T tem duas características diferenciais da informação dos outros modelos jornalísticos. A primeira é a aplicação prática e cotidiana que só precisa ser explorada e desvendada para que os conceitos e aplicações científicas sejam entendidos da forma mais cotidiana possível, o objetivo é aproximar esse conhecimento. A segunda é o potencial exploratório que essa informação, que normalmente é uma incógnita para o público, tem para ser desvendada e trabalhada em cima de um conhecimento mínimo que deixa no leitor (ou pelo menos pretende) a vontade de buscar mais, pois não há cobertura jornalística que deia conta da ciência como um todo, ou mesmo de uma explorar uma publicação, mas justamente de instigar através desses fragmentos uma possível leitura mais aprofundada.

Introduzir um tema de ciência é mais que fazer o público conhecer uma informação, é criar um mecanismo de entendimento dialógico, pois a maior parte da informação jornalística e mais precisamente do jornalismo científico esta além da notícia publicada. Exemplo disso é o caso que Fabiola Oliveira (2007) apresenta para desmistificar a ideia pouco precisa da área espacial, onde

o modelo resultou de proposta que apresentássemos no IV seminário internacional de Educação Espacial da Federação Internacional de Astronáutica (IAF) (...) em abril de 1994. (2007, p.69)

Com a necessidade de atingir o público sobre a importância do conhecimento e da pesquisa espacial, foi criado um modelo de mandala para representar a importância e aplicabilidade desse tipo de conhecimento no cotidiano mais próximo possível do cidadão que observava esse tema na mídia e que custeava esse investimento com seus impostos, ficando então dessa forma:



(OLIVEIRA, 2007, p.70)

Esse modelo é a exemplificação prática de como qualquer conhecimento de C&T pode ser trabalhado enquanto informação de importância prática e direta na vida do público, onde um tema chave se fez presente em outros temas menores. O modelo de mandala proposto por Oliveira, pode ainda ser adaptado para qualquer outro tipo de tema relacionado à C&T e transformado em modelo organizacional para jornalistas.

Outro ponto merece destaque no modelo proposto acima e em qualquer cobertura científica, a necessidade de uma apuração e trabalho investigativo do jornalista.

“No jornalismo, construir sentido é reduzir incertezas. Porque a realidade não pode ser contada aos outros por inteiro, noticiar é selecionar fatos para organizar um sentido...” (PEREIRA JUNIOR, 2006. P.70)

A propósito acima investiga as vantagens desse tipo de investimento para o público, mas péca em uma característica gritante e necessária para a discussão, pra onde vai o lixo espacial? Cobrir C&T não é fazer propaganda ou assessoria é explorar um tema de forma profunda e exaustiva, buscando (mesmo que impossível) abranger o todo da cobertura.



Fazer jornalismo científico demanda abarcar o jogo dos sentidos criando uma verdade não absoluta, crítica e que não fique apenas em uma fonte, principalmente se fonte for um interessado pela questão. Diferente de jornalismo científico é a simples difusão científica, que junto à assessoria, busca apenas criar resultados positivos para seus pesquisadores, empresas ou órgãos de fomento, deixando a desejar na apuração investigativa, ampla e dialética da cobertura.

A cobertura científica local

Em âmbito local, não há qualquer veículo de jornalismo impresso que tenha uma editoria de C&T em todo o Estado, muito menos em Parintins. A maioria desses veículos destinam espaços especiais para informações de C&T quando estas fazem-se notícias por outros critérios, sendo postas então, em outras editorias.

O mais comum de se ver um espaço próprio apenas na versão digital dos veículos de comunicação. Dos três principais portais de notícias do Amazonas, ligados à sistemas de comunicação, o Portal Em Tempo <http://www.emtempo.com.br/>, é o único que não tem esse espaço próprio para o jornalismo de ciência.

Já o Diário do Amazonas, <http://www.d24am.com/noticias/tecnologia/69>, e do Jornal A Crítica, <http://acritica.uol.com.br/tema/tecnologia.html>, tem seus espaços dedicados à essa especialização, porém com pouca alimentação de notícias próprias e ainda muito próximo à simples divulgação científica.

Num âmbito ainda mais local, não há em Parintins qualquer tipo estático de jornalismo científico, e como nos outros casos, algumas notícias sobre ciência aparecem em outras editorias e sobre outros enquadramentos, não caracterizando-se jornalismo científico, mas podendo ser transformada neste com um pouco de adequamento.

Trago um exemplo mais específico do jornalismo de Parintins, uma notícia publicada pelo jornal Plantão Popular.

Lixeira

Recursos para solução imediata

O governo do estado vai liberar recursos da ordem de um milhão, cento e dez mil reais para ajudar solucionar imediatamente o problema da lixeira pública de Parintins. A informação é do prefeito Bi Garcia, que manteve encontro em Manaus com o governador Omar Aziz para discutir o assunto.

O prefeito disse que também teve um encontro com um grupo de empresários do rio de Janeiro que lhe apresentaram um projeto inovador de tratamento dos resíduos produzidos pela população. São fábricas da Coreia do Sul que reciclam o lixo transformando em energia, adubo e outros derivados.

Garcia comenta que vai apresentar a proposta à população. “A Prefeitura teria custo zero na questão do aterro sanitário, no custeio desse funcionamento do lixão ou do aterro sa-



Lixeira pode ter solução definitiva
nitário. É uma proposta interessante que vamos apresentar à Câmara dos Vereadores, a sociedade e fazer uma avaliação se é possível trazer esse investimento à nossa cidade”.
Ele assistiu a um vídeo e diz que “realmente tem um processo de eliminação de quase 100% do lixo, ou seja, quase tudo é reaproveitado, a terra é separada, a madeira é separada, todos os materiais recicláveis são separados e o que é pra ser enterrado vira compostagem. É um processo inovador. São maquinários gigantescos que precisariam apenas ser instaladas”.

Ao ler a notícia percebe-se como a “solução imediata” é trabalhada e mostrada como um processo viável e muito produtivo para a população. Falando em jornalismo científico essa notícia tem duas grandes potencialidades. A primeira é que em momento algum a solução citada é realmente investigada e observada, a construção da notícia só mostrou boas qualidades, mas mostrou pouco do processo da proposta que vai ser apresentada. Dessa forma podemos notar uma notícia que tem a potencialidade para ser trabalhada enquanto jornalismo científico, mas que foi enquadrada de outro modo.

Técnicas e meios para o jornalismo científico

Outro elemento que trago como potencial característica do jornalismo científico, é o de aproveitar-se dos desdobramentos. Ainda sobre a matéria acima, a solução não-mostrada no decorrer da notícia merecia certo destaque aprofundado sobre esse tipo de inovação tecnológica, seja esse destaque em forma de nota, intertítulo ou mesmo de um desdobramento de notícia independente apresentando, discutindo e mostrando de forma crítica, analítica e investigativa tal processo.

É assim que deve agir o jornalista científico, pois aproveitar e usar de desdobramentos é usar o interesse público sobre um determinado tema aproveitando-o para um semelhante, de natureza científica, que venha a trazer contribuições substanciais enquanto notícia.



A cobertura jornalística mundial tem ótimos exemplos disso. O desastre do terremoto que atingiu o Japão, principalmente a usina nuclear de Fukushima tem interessantes pontos a serem ressaltados. A França pegou o desdobramento do caso das usinas nucleares para criar a discussão sobre o tema. Mas afinal, o que é uma Usina Nuclear? É nesse ponto que o jornalismo científico entra, não reproduzindo os conceitos e discussões do Japão, ou da própria França sobre o tema, mas suscitando reflexões sobre a necessidade das usinas e seu potencial para causas desastres.

Dessa forma um tema de relevância que aproveitou-se de critérios neotíciosos como os de negatividade e proeminência social, transforma-se em uma discussão de um tema mais específico, de forma mais ampla e ainda podendo instigar inúmeros *ganchos* por entre a mídia mundial.

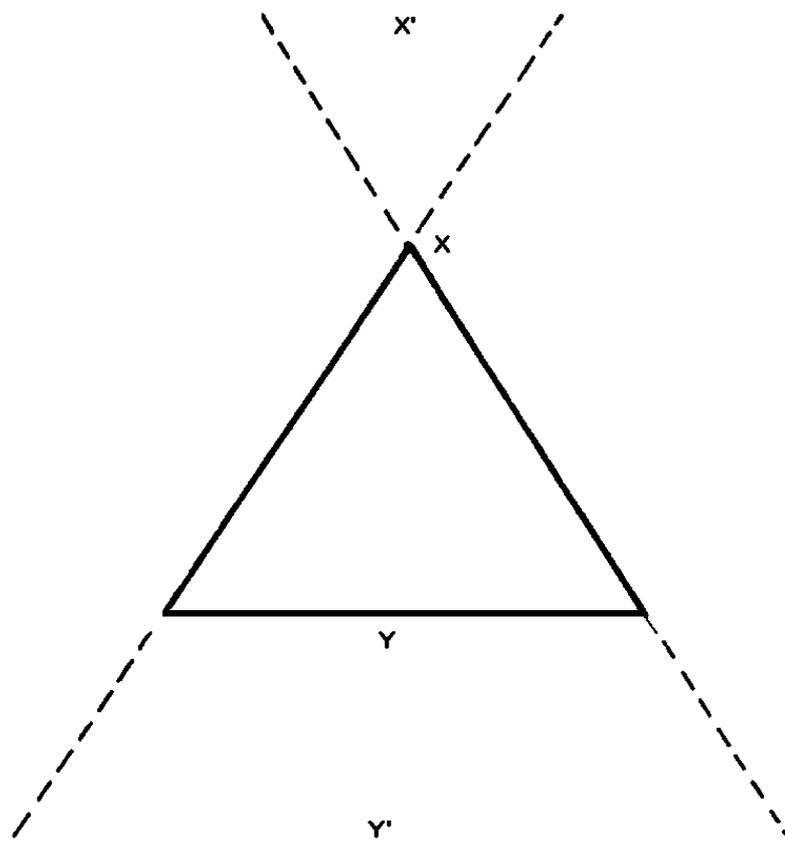
No Brasil, mais precisamente na Amazônia, a construção da usina de Belo Monte pretende trazer emprego, energia elétrica e desenvolvimento econômico para uma enorme área com um mega projeto de usina hidrelétrica que está entre as maiores do mundo. Esta é uma discussão política e social, mas e os problemas que a usina vai trazer à culturas indígenas centenárias e ribeirinhas, destruindo toda uma sociodiversidade e mesmo uma biodiversidade, esses pontos analisados, balanceados e aprofundados são parte de uma discussão de jornalismo científico. Pois uma informação desta leva-nos a perguntar, o que é uma usina hidrelétrica? Para que serve? O que vai custar? Todas essas perguntas foram um desdobramento que culmina numa notícia científica aprofundada e principalmente com um papel social imenso.

Não só por se tratar de uma linguagem e de um tema de importância fundamental, pois toda pesquisa científica pressupõe uma necessidade e uma problemática, mas o jornalismo científico cai como uma luva nas mãos da pirâmide repensada por Adelmo Genro Filho (1987). Ao começar a construção de um momento singular de importância restrita e depois partir para um momento de particularidade e então universalidade, a pirâmide de Adelmo é percorrida e aproveitada formando a construção de uma notícia muito mais profunda que o simples papel, som ou imagem.

A construção particular de uma notícia de ciência caracteriza o fenômeno representado pela descoberta ou pesquisa em C&T até chegar a um momento de universalidade onde a discussão tornou-se tão mais profunda como qualquer outro tipo de infusão sobre o público, desvendando os segredos da cobertura de C&T e traduzindo esse recorte da realidade.

Uma notícia sozinha dificilmente traz algo além do fato e muitas vezes precisa sobreviver da construção deste, mas ainda a amplidão de qualquer tema de ciência faz com que esse fato seja o mais simplório de uma notícia, assim, seguindo ainda a pirâmide proposta por Adelmo a notícia começa antes de seu espaço físico ou digital no jornal e ultrapassa esse limite ao momento que esse mero recorte de uma realidade sobre uma única ótica e uma serie de escolhas, se reconhece como uma parte muito pequena desse conhecimento construído e analisado, dessa forma o consumir desse produto vê-se não só interessado, mas necessitado de terminar de construir essa notícia, de terminar de conhecer esse tema que uma aplicação e agora uma amplidão sem limites.

FIGURA E



Esquema da pirâmide de Adelmo

Dentro dos gêneros jornalísticos os *fait divers* tem um interessante destaque pela sua configuração de apresentação onde o fato tem menos importância pelo seu contexto e a peculiaridade é que traz o “interesse”, pois “Se a informação depende, para ser avaliada ou compreendida, de uma situação(...) o *fait divers* interessa por si mesmo.”(LAGE, 2006,p. 58)



Dessa forma constroi-se um tipo de informação que não acrescenta enquanto notícia, mas que serve de entretenimento enquanto peculiaridade, enquanto diferente ou inusitado, assim o *fait divers* sem função educativa não tem uma serventia por excelência, mas um espaço para buscar um público mais carente de cultura informativa, ou como *calhau*.

A informação é acontecimento histórico, é parte de uma narrativa. Os eventos políticos, econômicos ou artísticos interligam-se e cada novo evento altera o quadro de situação, fazendo prever desdobramentos. (LAGE, 2006, p. 59)

Se esse tipo de notícia aparece em uma extremidade da importância jornalística com pouco ou mesmo nenhum nível de educação, o jornalismo científico aparece na outra extremidade exprimindo um tipo de educação social não formal muito forte e interessante ao modo que, pela proposta por mim apresentada, traduz e amplia um conhecimento à um nível de amplitude e cotidianidade que chega quase a ter um papel tão importante quando os modelos comuns de educação.

Assim do *fait divers* ao jornalismo científico é um caminho de desenvolvimento da linguagem e aplicação social do jornalismo, onde este parte de uma não-notícia de interesse público, sem contexto e nem nenhum atrativo intelectual, até o ápice de uma informação científica construída por um modelo de linguagem e necessidade muito mais rebuscado e encarregado teoricamente que se faz aqui um momento forte e aspirável de educação da mídia e da comunicação jornalística.

Com essa discussão sobre a teoria e o percurso do jornalismo científico, além de algumas noções para sua aplicabilidade prática, começa-se a pensar uma teoria do jornalismo especializado em C&T a partir de uma visão contemporânea e acima de tudo com um papel social e educativo da sociedade que consome e mantém essa produção.

REFERÊNCIAS

- GENRO, Filho Adelmo. **O Segredo da Pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GENTILI, Pablo. **Neoliberalismo e educação: Manual do Usuário** in Escola S.A, Tomaz Tadeu da Silva e Pablo Gentili – org.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2006.
- LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 1990.
- OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ. VOZES, 2006.



VERAS JUNIOR, José Soares. **Da Informação Ao Conhecimento: O Jornalismo Científico Na Contemporaneidade.** Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2005. Disponível em <http://www.bocc.uff.br>.
WOLF. Mauro. **Teorias da Comunicação.** Porto: Presença, 1995.